

da Comunidade Europeia e da Agência Espanhola de Cooperación Internacional - AECI



Este é um projeto do Governo Brasileiro que conta com o apoio do Department for International Development - DFID



INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data ____/____/____
cod. 0FD00702

PRIMEIROS POVOS



O VALE DO JAVARI

O Vale do Javari e seus formadores, os rios Jaquirana, Curuçá, Itaqui e Ituí, localizados entre os paralelos 4°S e 7°S e os meridianos 70°O e 74°O da Amazônia brasileira, possui cerca de 8.520 quilômetros quadrados, ocupados, predominantemente, por povos indígenas de família linguística Pano, sendo reconhecido pelo governo brasileiro como Terra de Ocupação Tradicional Indígena (1.998).



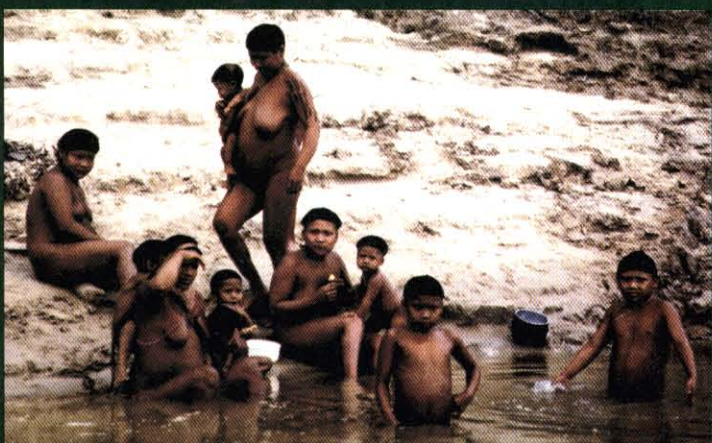
OS POVOS ISOLADOS

Existem evidências seguras da presença de 06 grupos indígenas em situação de isolamento dentro da Terra Indígena Vale do Javari, confirmadas por relatos de funcionários da FUNAI e ribeirinhos, através de vestígios e, principalmente, conflitos e mortes ocorridas nas frentes de expansão.

Populações indígenas isoladas, hoje, são aquelas que já passaram por experiências de contato traumáticas com a população brasileira. Em geral, já foram alvo de massacres anteriores, epidemias de gripe ou infecções contagiosas provocadas intencionalmente por grupos/pessoas interessadas em expulsá-las das terras que ocupam, para explorá-las através de atividades econômicas predatórias.

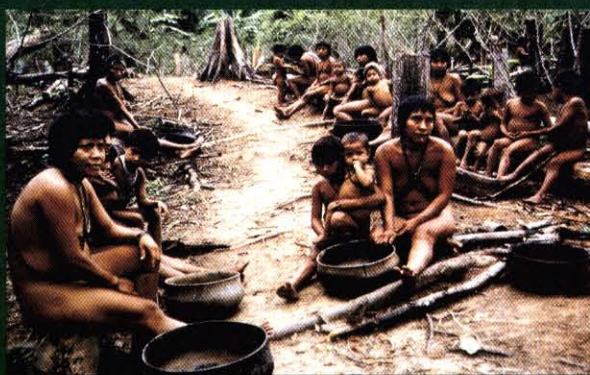
Depois de resistirem, os grupos indígenas acabam refugiando-se nos altos rios ou nichos de difícil acesso e sem interesse para as frentes predatórias (garimpeiros, madeireiros, caçadores profissionais...).

Nesta situação, esses povos vivem no limite da subsistência, plantando pequenas roças (que não chamam atenção), dividindo-se em unidades nucleares mínimas que lhes permite manter mobilidade constante, habitando pequenas malocas quase imperceptíveis à observação aérea. Deixam de realizar seus rituais e festas, deixam de procurar o contato com outras etnias afins. Uma situação limite, que os leva a perdas culturais e sociais, vitais para sua existência como sociedade e cultura diferenciadas.



Pesquisas arqueológicas recentes (1976-89) datam a ocupação da região em mais de mil anos. São povos Marubo, Matis, Mayoruna (também conhecidos pela denominação Matsés), Mayá e Kulina-Pano que integram o complexo cultural Pano.

Kanamari, Djapá e Kulina-Arawá são consideradas etnias não-Pano, que hoje habitam o Vale do Javari.



A Situação dos Índios e a Política de Proteção Necessária

A exceção dos Matis (contatados em 1.976) os contatos dos povos Marubo, Kulina-Pano e Kanamari com a sociedade regional datam do final do século XIX, com a penetração dos altos rios por frentes peruanas e brasileiras coletoras e produtoras de borracha. "Corridos" das suas malocas ou capturados para servirem de mão-de-obra escrava na empresa seringueira, os povos do Vale do Javari sofreram enorme depopulação. Estimados em 15 mil índios no final do século XIX, hoje perfazem um total não superior a 3 mil.

A empresa madeireira substituiu a seringueira a partir dos anos 30 deste século, mantendo a mesma estrutura nas relações de trabalho com ribeirinhos e índios (relação patrão-cliente alicerçada no endividamento do "freguês").



As etnias contatadas no ciclo exploratório anterior se submeteram "pacíficamente" neste novo ciclo, já que mudou apenas o objeto da exploração (borracha por madeira); outras resistiram e depois de muitas baixas em sua população, se refugiaram em igarapés de difícil acesso. Outras ainda continuam resistindo às invasões, como é o caso dos Korubo - porém ao preço de muitas mortes ocasionadas em ataques organizados pela população regional.

Esgotados os recursos no curso médio dos seus rios, já a partir do início da década de 1950, esta exploração atingiu os altos rios, mais uma vez com enormes prejuízos e ameaças físicas para suas populações indígenas.

A FUNAI somente estabelecerá um posto de assistência na região em 1970, junto aos Marubo, grupo que desde os anos 1960 vinha sendo "atendido" pelos missionários norte-americanos do Summer Institute of Linguistics e da New Tribes.



Por diversas vezes, ao longo dos anos 70, a FUNAI buscou estabelecer contato com os Korubo, povo que mais resistia às invasões predatórias no interflúvio Itaqui-Ituí, área de domínio daquele grupo indígena. Vários de seus funcionários morreram nestas tentativas frustradas de "atração" e "pacificação".

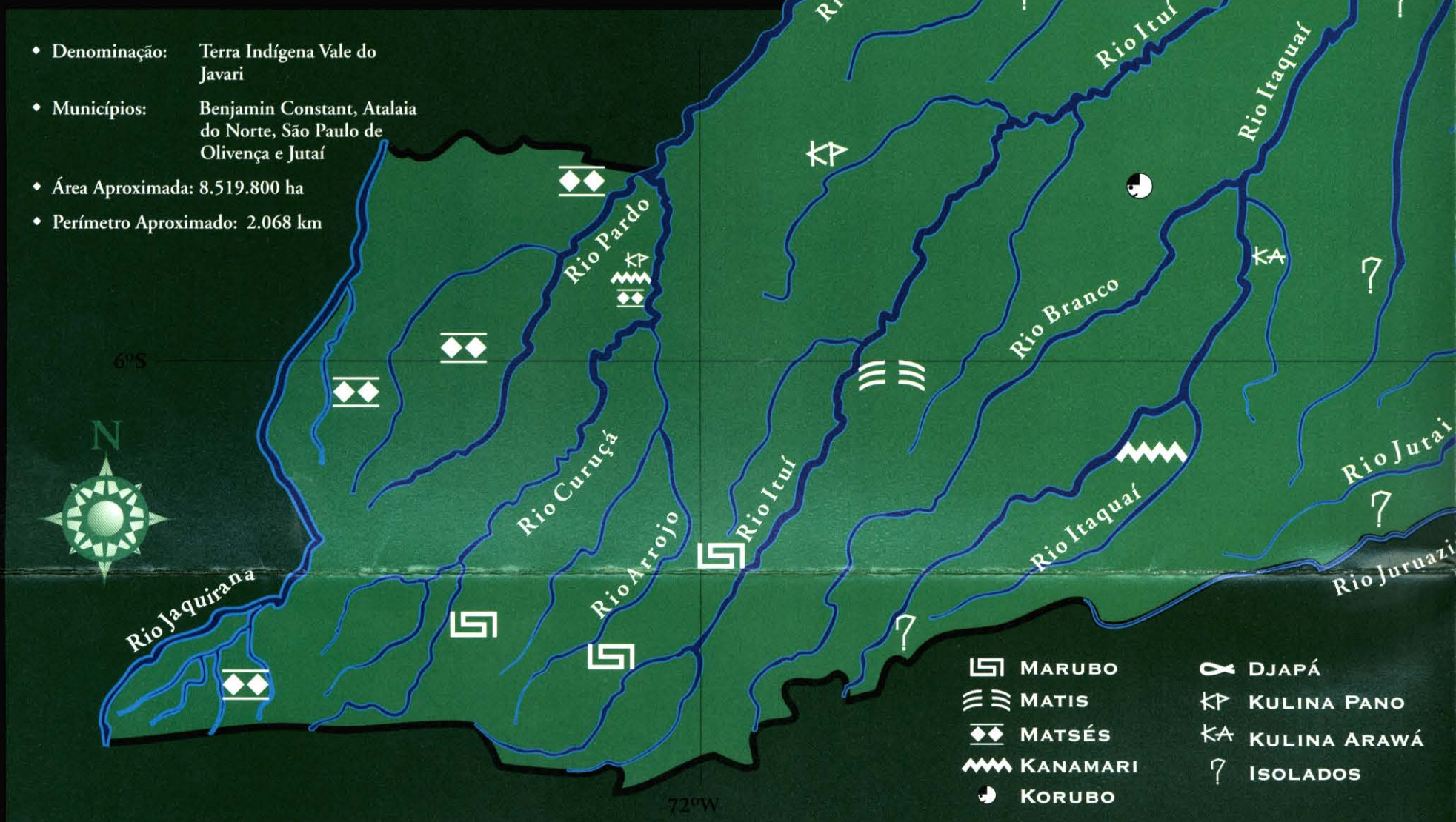
Em janeiro 1.996, por iniciativa e sob a coordenação do Departamento de Índios Isolados (DEII), chefiado desde sua criação pelo sertanista Sydney Possuelo, a FUNAI estabelecerá a Frente de Proteção Etno-Ambiental Vale do Javari, instalando sua base de operações na confluência dos rios Itaqui e Ituí, limite setentrional do território de perambulação dos Korubo e também da Terra Indígena. Em setembro do mesmo ano, nova portaria da FUNAI delegava poderes para o DEII proibir a entrada de terceiros na Terra Indígena e restringir as atividades dos moradores não-indígenas ali residentes a atividades de subsistência não predatórias - até que fossem indenizados e retirados da área.

Contando com uma equipe experiente, as atividades de fiscalização foram sendo executadas com rigor, com apreensões de carregamentos de madeira, peles e carne de animais silvestres e pescados extraídos ilegalmente da Terra Indígena interdita. A Frente de Proteção passou a agir com apoio do IBAMA e da Polícia Federal para o indiciamento dos infratores. Desde então o número de incursões predatórias praticamente reduziu-se a zero, as eventuais tentativas se fazendo hoje de modo clandestino.



VALE DO JAVARI TERRA INDÍGENA

- ♦ Denominação: Terra Indígena Vale do Javari
- ♦ Municípios: Benjamin Constant, Atalaia do Norte, São Paulo de Olivença e Jutai
- ♦ Área Aproximada: 8.519.800 ha
- ♦ Perímetro Aproximado: 2.068 km



O Projeto de Proteção Etno-Ambiental Vale do Javari

Visando reforçar esta política de proteção e fiscalização, o Departamento de Índios Isolados - DEII e o Centro de Trabalho Indigenista - CTI, ONG fundada em 1979 por antropólogos envolvidos com o futuro dos povos indígenas brasileiros, estabeleceriam em 1997 uma parceria para a execução do Programa de Proteção Etno-Ambiental do Vale do Javari, encaminhado para a Comissão Européia (CE) com apoio ainda da Agência de Cooperação Espanhola (AECI). Aprovado por estes organismos em 1999, este programa se encontra em plena execução.

O objetivo global do Programa é a preservação da Terra Indígena Vale do Javari e de seus recursos naturais, para o bem estar dos povos indígenas que ali vivem, principalmente os grupos isolados, que são os que mais sofrem ameaças. Atendendo a filosofia de trabalho do DEII-FUNAI (Departamento de Índios Isolados), o projeto não buscará estabelecer o contato com os grupos indígenas isolados, a não ser em situações extremas, quando isto se revelar como a única alternativa viável para lhes garantir a sobrevivência física.

Para tanto, o Projeto propõe:

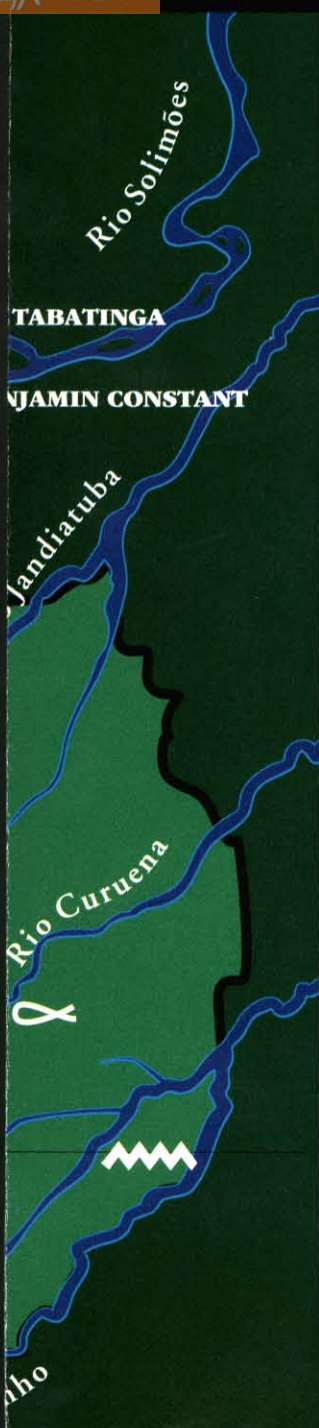
- ♦ consolidar as estratégias de proteção física da Terra Indígena Vale do Javari;
- ♦ mapear as dimensões das áreas de domínio dos povos indígenas isolados;
- ♦ conhecer detalhes da dinâmica de ocupação destes povos, sem a necessidade de estabelecer o contato;
- ♦ estabelecer e executar um plano de atendimento à saúde aos grupos recém-contatados;
- ♦ melhorar o conhecimento sobre as populações indígenas e a utilização que fazem dos recursos naturais para estabelecimento conjunto de alternativas econômicas para os povos com longo tempo de contato;
- ♦ implementar um programa de sensibilização e de educação ambiental junto a população regional habitante do entorno da Terra Indígena;
- ♦ promover intercâmbio com outras iniciativas de proteção etno-ambiental na Amazônia;
- ♦ apoiar as atividades do Conselho Indígena do Vale do Javari (CIVAJA), que visem as ações de proteção e vigilância da Terra Indígena.



AMAZONAS - BR

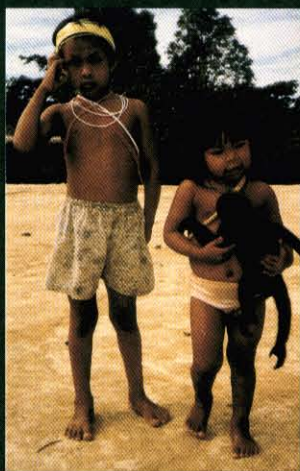


POVOS DO VALE DO JAVARI



Marubo

Com uma população estimada em 1.200 índios, é a maior etnia do vale. As casas tradicionais Marubo, de uma arquitetura singular, são a marca dessa região. Habitantes originais do interflúvio Curuçá-Ituí, suas aldeias ainda hoje se distribuem ao longo dos cursos médio e alto daqueles rios. Contatados no final do século XIX por frentes coletoras do látex da borracha, muitos grupos Marubo estiveram submetidos à empresa da borracha, seja como "fregueses" ou "gerentes" de "patrões" seringalistas ou regatões, até o início dos anos 1990. Apesar deste impacto, os Marubo mantêm operante seu sistema ritual, que se ampara em uma das cosmologias mais sofisticadas da América do Sul.



Matsés

Conhecidos também como Mayoruna, são originários dos rios Jaquirana e Batã. Na primeira década do século XX, deslocaram suas aldeias para o interflúvio Negro-Lobo-Pardo para fugirem da violência dos caucheiros peruanos. Suas aldeias atuais se localizam nestes rios e no alto Jaquirana. Os Matsés são temidos por realizarem expedições aos povoados peruanos ou brasileiros, no intuito de capturar mulheres e crianças de ambos os sexos, afim de criá-los como verdadeiros Matsés (ou em tradução literal, "humanos"). Avessos a contatos mais intensos com a população não-indígena, são poucos os Matsés que dominam o português ou o espanhol. Sua população atual soma 760 pessoas.



Matis

Habitantes dos altos cursos dos rios Itaquai-Ituí, iniciaram contatos regulares com equipes da FUNAI no início dos anos 1970. Até então isolados, sofreram pesadas baixas populacionais depois destes contatos. Mas vêm refazendo seu estoque populacional, refletido no fato de que, em um universo de 216 pessoas, 51% são crianças com menos de 11 anos. Mantêm fortes relações com os Marubo do alto Ituí, apesar das diferenças lingüísticas e atualmente com os recém contatados Korubo do igarapé Quebrado. Seus ornamentos faciais, de uma sofisticação sem par entre os povos indígenas sul americanos, são a marca do grupo.

Kanamari

Falantes de um dialeto da língua Katukina, este povo é originário do médio Juruá e alto Jutai. Seu deslocamento para o vale do Javari se deu em função da pressão das frentes coletoras de látex, que penetraram aqueles rios nos primeiros anos do século XX. Hoje possuem aldeias no interflúvio dos altos rios Itaquai-Jutai (população 356 pessoas) e no baixo Javari e médio Curuçá (160 pessoas). Pacíficos, foram engajados como mão-de-obra nas frentes extrativistas de látex e madeira, em troca dos bens ocidentais hoje necessários para sua subsistência (ferramentas, panelas, sal, roupas, material para pesca e cartuchos). Mas nunca deixaram de realizar suas famosas "festas", que em geral se prolongam por um período de 3 a 6 meses. Daí o esforço que realizam para combinar o trabalho externo com aquele empregado em suas roças de subsistência.

Kulina-Pano

Este povo é originário do médio Curuçá, onde até hoje mantém suas malocas. Sua língua é um dialeto do tronco lingüístico Pano. Pressionado pelas frentes extrativistas e por epidemias que dizimaram sua população, as duas malocas originais deste povo se dispersaram, na década de 1960, em grupos familiares ao longo do Curuçá-Javari. Com uma população atual de 52 pessoas, vive da caça e da pesca e de pequenas roças de subsistência.



Kulina-Arawá

Falantes de uma língua Aruaque, estes índios migraram, nas décadas de 1950 e 1960, para o vale do Javari a partir de seus territórios originais no Juruá. Dispersos em pequenos grupos familiares, estão hoje estabelecidos no rio Itaquai, nas vizinhanças das malocas Kanamari.

Tsohom Djapá

Este povo mantém contatos raros e de pequena duração sobretudo com os Kanamari e vez por outra com a população regional vizinha à sua área de perambulação, situada nas cabeceiras dos rios Jutai, Curuena e Jandiatuba. Sua língua é compreensível para os Kanamari, pertencendo portanto à família lingüística Katukina. Pacíficos, em sua área de domínio são eventualmente encontrados pequenos roçados e tapiris, levando a supor que não habitem em grandes malocas e que vivam basicamente da caça e da pesca. Sua população estimada situa-se entre 80 - 100 pessoas.

Povos Isolados

Outros povos, ainda isolados (sem contatos regulares com brasileiros ou funcionários da FUNAI), habitam o Vale do Javari: os chamados Korubo, nas cabeceiras do rio Branco; um grupo que domina os altos rios Jandiatuba e Jutai; outro localizado no igarapé Pentiacó (alto Ituí) e outro no interflúvio Batã-Jaquirana. Há evidências de grupos indígenas isolados no igarapé São José (os chamados "flexeiros") e nos inter-flúvios Jandiatuba-Jutaizinho e Quixito-Ituí (os chamados "Mayá").

